

The image shows the cover of the magazine 'Siará'. It features a photograph of Espedito Seleiro, an elderly man with glasses, wearing a dark blue shirt and light-colored trousers. He is standing next to several saddles and horse gear, including a black saddle on a wooden stand and a colorful, patterned saddle. The background is a warm, orange-toned wall. The magazine title 'Siará' is prominently displayed in a large, blue, sans-serif font. Below it, the text 'Diário do Nordeste' is written in a smaller font, followed by 'ANO II - Nº 69', 'FORTALEZA, CEARÁ', and 'Domingo, 28 de abril de 2013'. A central text block reads: 'Espedito Seleiro expõe em São Paulo, planeja fundar um museu e está cada vez mais inovador, porém sempre fiel às origens'. At the bottom of this block, the words 'mestre DO COURO' are written in a large, white, serif font. On the right side of the cover, there is a vertical line of small text: 'ESTA REVISTA PERTENCE AO DIÁRIO DO NORDESTE - NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE.'

Siará

Diário do Nordeste

ANO II - Nº 69
FORTALEZA, CEARÁ
Domingo, 28 de abril de 2013
siara@diariodonordeste.com.br

Espedito Seleiro expõe em São Paulo, planeja fundar um museu e está cada vez mais inovador, porém sempre fiel às origens

mestre DO COURO

ESTA REVISTA PERTENCE AO DIÁRIO DO NORDESTE - NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE.

Siará

e: siara@diariodonordeste.com.br

fb: Revista Siará

Prosa das boas

Um mestre com "M" maiúsculo. Assim, podemos definir seu Espedito. Há tempos, ele estava na nossa pauta, mas só agora tornou-se realidade. Para entrevistá-lo, a jornalista Germana Cabral foi até São Paulo, onde o encontrou no último dia 3, durante a abertura da mostra individual "Espedito Seleiro – da sela à passarela".

Embora conheça o artesanato há vários anos, ela nunca tinha feito uma entrevista com ele. As idas ao seu ateliê em Nova Olinda, no Cariri cearense, representam sempre muitas conversas e descobertas. E, claro, algumas compras. É mesmo impossível resistir a tanta criatividade em acessórios de moda (sandálias, bolsas, carteiras, cintos) e de decoração.

Desse conhecimento e da entrevista realizada em São Paulo, resulta o perfil da nossa capa de hoje. Mostramos o Espedito simples, não simplório, que entre uma prosa e outra, com convidados, voltava a dar atenção à contrariedade, disposto igualmente a posar para outra cearense, a fotógrafa Patrícia Araújo. Ao final, pediu: "mande esta matéria para mim", fazendo referência ao acervo do museu que pretende inaugurar em Nova Olinda. O lugar deverá abrir em outubro para homenagear o ciclo do couro e da própria família Seleiro. Acompanhe esta e outras histórias na Siará desta semana.

CAPA Espedito Seleiro na sala da abertura de sua exposição no A Casa - Museu do Objeto Brasileiro, em São Paulo

FOTOS Patrícia Araújo (frente) e Francisco Moreira da Costa/Acervo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Iphan (verso)

5 COMPORTAMENTO. A nostalgia musical das serenatas que têm lugar certo na Capital

8 IMPRESSÕES. Não se deve deixar para depois o "eu te amo" de hoje

16 CAPA. O talento do design sertanejo nas mãos do cearense Espedito Seleiro

31 DECORAÇÃO. O uso de telas e outras artes enquadradas para adornar diferentes ambientes

9

MODA

A criatividade de designers locais, nacionais e internacionais que passaram pelo 14º Dragão Fashion Brasil. Em destaque, look de Mark Greiner



DPHOUSE

EXPEDIENTE

EDITORA VERDES MARES LTDA. Praça da Imprensa - Dionísio Torres, CEP - 60135-690 - Fortaleza - Ceará - **TELEFONES:** (85) 3266.9796/3266.9228 **DIRETOR SUPERINTENDENTE** Pádua Lopes **DIRETOR EDITOR** Ildelfonso Rodrigues **GERENTE GERAL DE COMERCIALIZAÇÃO** Ruy do Ceará Filho **DIRETOR INDUSTRIAL** A. Capibaribe Neto **EDITORAS:** Germana Cabral (germana@diariodonordeste.com.br) e Giovanna Sampaio (giovanna@diariodonordeste.com.br) **SUBEDITORA** Cristina Pioner (crispioner@diariodonordeste.com.br) **REPÓRTERES** Ana Cecília Soares, Jéssica Petrucci, José Augusto Lopes e Nailana Rodrigues **ESTAGIÁRIOS** Jéssica Colaço e Ranniry Melo **PRODUTORA DE MODA E BELEZA** Rafaella Bastos **REVISÃO** Socorro Cunha **ILUSTRADOR** Lincoln Souza **DESIGNER EDITORIAL** Gracielle Sampaio e Bruno Barbosa **FOTÓGRAFOS** Alex Costa, Lucas de Menezes, Marília Camelo e Waleska Santiago **TRATAMENTO FOTOGRÁFICO** Edl Rodrigues **GERENTE MERCADO ANUNCIANTE** Elias Tahim **PLANEJAMENTO DE VENDAS** Lia Carvalho

DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 2013 FORTALEZA, CEARÁ DIÁRIO DO NORDESTE // 3

Espedito Seleiro expõe em São Paulo





SÃO PAULO
O artesanato cearense na abertura da exposição "Espedito Seleiro: da sela à passarela"

tradição MODERNA

O mestre Espedito Seleiro ganha mostra na capital paulista, protagoniza documentário e monta museu sobre o couro em Nova Olinda, no Cariri cearense

GERMANA CABRAL
germanac@diarionordeste.com.br
enviada a São Paulo

Camiseta social azul escuro e calça bege. Bolsa a tiracolo e sandálias de couro com a grife que leva seu nome. Assim, Espedito Vellozo de Carvalho chegou ao museu onde estão expostas suas criações, em São Paulo. Era uma quarta-feira, comecinho da noite, dia 3 de abril, data da abertura da mostra "Espedito Seleiro: da sela à passarela". Como todo bom anfitrião, ao lado do filho Maninho, recebeu convidados, concedeu entrevistas e posou para fotos.

De tão à vontade, parecia acolher os visitantes no próprio ateliê, instalado em Nova Olinda distante cerca de 2.500 quilômetros da maior metrópole brasileira. Porém estava numa das salas de A Casa - Museu do Objeto Brasileiro cuja finalidade é contribuir para a valorização e desenvolvimento do artesanato e do design nacionais. For tudo o que representa, o cearense conseguiu exatamente isso: reconhecimento. Há quatro anos, é Mestre da Cultura diplomado pelo Governo do Ceará e foi agraciado, em 2011, com a Ordem do Mérito Cultural, do Ministério da Cultura. Em 2005, um marco na carreira: com a mulher,

Francisca, e o filho Maninho, assistiu, em plena passarela da São Paulo Fashion Week, ao desfile da Cavaleira, que apresentou peças da sua lavra. Elas já apareceram até em filmes e novelas. O artesanato também conquistou gente famosa, a exemplo de Luciano Huck e Mariana Ximenes. "Prefiro não falar nome de ninguém. Clientes são todos iguais para mim", diz. Ressalta, no entanto, Violeta Arraes, ex-secretária de Cultura do Ceará, que ganhou bolsa com seu nome. "É bom ver uma peça minha na TV, num filme, nos desfiles, mas os pedidos aumentam e, às vezes, não consigo dar conta. O trabalho artesanal demora."

Ca
pa **PERFIL**

FOTOS: PATRÍCIA ARAÚJO



FOTOS: PATRÍCIA ARAÚJO



☺ Certa vez, um rapaz queria mil bolsas em 40 dias. Expliquei que não erio no computador, tem que ter o maior carinho para ficar benfeito. Aí, ele foi embora satisfeito com umas cinco".
No ofício desde criança, já inventou de tudo com o couro de vaca ou bode. Ao seguir a tradição familiar, imprimiu marca registrada que transita entre áreas afins: design, moda e decoração. São sandálias, bolsas, carteiras, colares, cintos, tapetes e cadeiras, dentre outros artigos coloridos.

Sela e gibão
Do bisavô Antônio Velozo de Carvalho, do avô Gonçalves Pinto de Carvalho e do pai, Raimundo Pinto de Carvalho, conhecido como Raimundo Seleiro, herdou a arte de produzir artigos para vaqueiros. "Meu pai era de Nova Russas, mas vivia como cigano. Era seleiro, vaqueiro, organizava as fazendas. Desde os 8 anos, ajudava ele, fazendo sela e chapéu, e ele me ensinava".

Apesar de ter o nome fortemente ligado ao Cariri, o mestre nasceu há 73 anos em Arneiroz, na região dos Inhamuns. Aos 10, foi morar num sítio em Nova Olinda. Além da lida na roça, abatia bode e aproveitava o couro.
Em 1962, já casado com dona Francisca, mudou-se para o Centro da cidade. "Nesse tempo, tentei fazer meu primeiro gibão. O vaqueiro devolveu porque eu tinha pregado as mangas ao contrário. Agora, fica benfeito. Mas ainda tem gente que me aperreia por causa disso", diz, ao abrir aquele sorriso.

Até hoje, lida com as "coisas de vaqueiro", contudo teve de promover uma reviravolta quando se deu conta de que essa clientela estava rareando. "Então, disse para Francisca: vou mudar, fazer um estilo só meu, preciso vender mais". Na época, em 1971, o pai havia falecido e ele, como primogênito, ficou responsável pelo sustento de oito irmãos.



ESPEDITO SELEIRO
Artesão

NASCIMENTO Fazenda Popo do Navilho, em Arneiroz (CE)
IDADE 73 anos
RESIDE em Nova Olinda (CE)
CARRERA na escola, aprendeu a ler e fazer umas continhas. É artesão do couro autodidata, com destaque no uso das cores
RECONHECIMENTOS Mestre da Cultura (Governo do Ceará, em 2009) e Ordem do Mérito Cultural (Ministério da Cultura, em 2011)
TRABALHO de domingo a domingo, está na labuta. Seguindo ele, o ofício é o seu lazer, o esporte, sua diversão

Dessa decisão, resultaram sandálias monocromáticas (tipo cangaceiro) e uma fonte de renda capaz de garantir o ganha-pão da família. Com exceção de Mariês, residente em São Paulo, os herdeiros trabalham com ele: Cícera, Edivânia, Francisco (Maninho), Wellington (Wilton) e José Roberto (Zé). As noras Ana Maria e Antônia Irenilda também: "Se eu fechar os olhos, tenho seis filhos que sabem fazer muito bem. Carpichei para ensinar a eles".
Dona Francisca é uma das principais responsáveis pelo sucesso da oficina. A esposa não se dedica mais às peças como antigamente, contudo, se precisar, socorre nos pontos. Por muitas vezes, ela saía de madrugada, ao lado do marido, para levar os artigos até a parada do transporte que Espedito tomava para ir à feira semanal de Campos Sales.
"Certo dia, voltei da feira, e ela havia entregado o ponto que tinha há 26 anos porque estavam querendo aumentar muito o aluguel. Quando vi, tudo que tinha dentro estava em frente da nossa casa. Nem briguei com ela. Pra quê? Perderia a mulher e a mudança. Francisca me ajudou muito nesta vida".
E assim surgiu o ateliê como extensão da residência que virou referência cultural na pequena cidade de 14.256 habitantes. Re-

centemente, ele inaugurou uma loja em frente. Todavia, tudo permanece como antes. Em um dos cômodos, funciona a oficina. No outro, são expostas a produção, uma máquina de costura antiga, matérias de jornais, fotos de desfiles, clientes e visitantes, como o músico Gilberto Gil, ex-ministro da Cultura, e a atriz e apresentadora Regina Casé.
A história bem-sucedida do artesão começou em 1993, com a encomenda de um amigo: "O Alemberg (Quindim, diretor-presidente da Fundação Casa Grande) me pediu uma sandália colorida de Lampião. Até duvidou que eu aprontasse, mas consegui, e ele fez a maior propaganda. Ia para uma reunião, cruzava as pernas. O povo via e encomendava. Depois, as mulheres queriam também, daí veio

Criações
(4) Na mostra, em São Paulo, chapéu ao estilo do rei do baile, Luiz Gonzaga.
(5) Botas femininas com salto alto.
(6) Presilha para cabelos. Muitas dessas peças estão à venda na Casa - Museu do Objeto Brasileiro



Exemplares à mostra
(1) Trabalhos na exposição "Espedito Seleiro: da sela à passarela" na Casa - Museu do Objeto Brasileiro, em São Paulo, numa realização do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IpHAN. (2) Sandálias inspiradas nas figuras lendárias do cangaço, Lampião e Maria Bonita, tornaram-se marca registrada do artesão. (3) Bóia modelo capanga com desenho "ciganado"

Ca
pa **PERFIL**



Passarela e cinema
 (7) O modelo Paulo Zulu com criação de Espedito Seleiro no desfile da marca Cavaleira, na São Paulo Fashion Week, em julho de 2005.
 (8) Detalhe da peça, que remete a uma sela, usada como colete.
 (9) O ator Marcos Palmeira, no filme "O homem que desafiou o diabo" (Moacyr Góes, 2007), com gibão assinado pelo mestre cearense.
 (10) Sandália Kalial, feita desde as gerações passadas da família, é vendida até hoje

a de Maria Bonita". Nesse tempo, não gostava dos artigos femininos. "Elas me aperseavam muito. Terminava um modelo, pediam de outra cor. Era melhor tratar com os homens. Fazia bota que durava anos". Até diz ter sido castigado: "Mas foi um castigo bom, pois compram bem", brinca.
 Para dar conta da produção, labora de domingo a domingo, das 4h da manhã às 20 horas. Só desenvolve peças com o DNA da família Seleiro. Ou seja, nunca seguiu design alheio. "Não adianta, não consigo trabalhar com modelo de ninguém". Foi a resposta dada quando estilistas da Cavaleira bateram à sua porta, em 2005. "Gosto de fazer minhas murgangas no meu estilo. Eles aceitaram. Terminou sendo um dos melhores momentos da minha vida".
 Embora tenha se sobressaído com esses modelos, diz que, graças a Deus, o tempo do cangaço acabou. "Essa vida não tinha futuro. Meu pai chegou a vender

para eles, até para Lampião, mas prefiro meus clientes". Portanto, ao adotar o estilo do cangaço, ao invés de se distanciar, se reencontrou com gerações passadas.
 Não à toa, quando especialistas se referem à capacidade inventiva do mestre, o discurso se assemelha: ele está sempre renovando, mas mantém a tradição. A diretora da Casa - Museu do Objeto Brasileiro, Renata Mellão, é enfática: "Seu trabalho tem consistência bastante forte de identidade. Coisa brasileira. Muito benéfico e extremamente criativo. Tanto no



desenvolvimento do objeto quanto na estética. Tudo com muita proporção. Ele tem um olho ótimo. É um deslumbrante", diz a responsável por levar a exposição itinerante a São Paulo.
 A "Espedito Seleiro: da sela à passarela" teve a primeira versão em 2012, no Rio de Janeiro, realizada na Sala do Artista Popular, pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. A antropóloga Guacira Waldeck, que assina a pesquisa e o texto do catálogo da mostra, afirma: "Em Nova Olinda, constatei a autenticidade do trabalho de Espedito e sua família. O barato é que ele é reconhecido também na sua terra. Um autôdita surpreendente que tem muito a dizer sobre o couro. A lição que recebemos dele é incrível. Domina o que faz, tem olhar sempre renovado, porém não perde o encantamento".
 A obra do cearense encontra-se ainda exposta em outro evento paulistano: a coletiva "Design da

periferia", no Pavilhão das Culturas Brasileiras. Nela, constam gibão, bolsas, sandálias e uma sela. A designer e curadora do espaço, Adélia Borges, define: "Espedito não se limita a perpetuar as técnicas tradicionais aprendidas com o pai, mas inova na estética. É um verdadeiro designer. Ousa nas cores e nas combinações, atendendo com essas criações um consumidor urbano, contemporâneo. Ou seja, soube se adaptar aos tempos e a novas demandas. Foi 'empurrado' para isso pela falta de mercado. Outros poderiam ter desistido do ofício, ele encarou esses 'não' como desafio para fazer algo com identidade própria. Gosto muito do trabalho dele. Meus filhos e eu usamos seus produtos!"

Documentário
 Além das exposições, o mestre é o fio condutor de "As sandálias de Lampião". Com 26 minutos, o documentário será exibido pelo Canal Brasil. Ainda sem data para a estreia, retrata a civilização do couro no Ceará por meio da história de Espedito, sendo um dos 15 projetos da 3ª edição do Edital de Apoio a Documentários Etnográficos sobre Patrimônio Cultural Imaterial (Etnodoc).



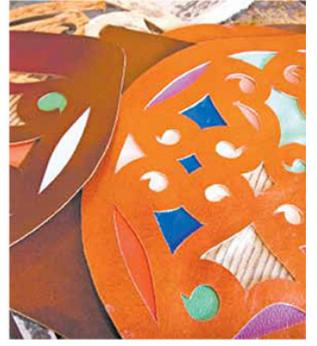
Espedito Seleiro expõe em São Paulo

**Ca
pa** PERFIL



“Queria muito mostrar meu trabalho em São Paulo. Estou muito feliz com estas exposições. No Rio de Janeiro, foi muito legal. Tive até de repor as peças para a venda. Agora, com esta de São Paulo, fechou”
ESPEDITO SELEIRO, ARTESÃO

FOTOS: IVANILCA ABRAUO E FRANCISCO ANDREIA DA COSTA/REVISTA NACIONAL DE FOTOCOLOR E CULTURA POPULAR/SPHAN



Produção diversificada
Ao inovar nos artigos em couro, Espedito imprimiu marca própria no uso harmonioso das cores. Com esse talento, desenvolve as mais diferentes peças e conquistou reconhecimento nacional. Também é valorizado em Nova Olinda, onde vive desde os 10 anos. Numa das ruas da pequena cidade, ganhou até placa indicativa do seu ateliê, uma referência local

24 // DIÁRIO DO NORDESTE FORTALEZA, CEARÁ DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 2013

DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 2013 FORTALEZA, CEARÁ DIÁRIO DO NORDESTE // 25

Ca
pa **PERFIL**

FOTOS: FRANCISCO MONEIRA DA COSTA/ACERVO CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR/PPHAN



O vaqueiro da moda

“Recentemente, visitei em Paris uma loja muito chic de arte indígena. Um verdadeiro museu de uma atualidade que pouco conhecemos. Bela e guardiã de uma certa magia do mundo. Pensei na grandeza do nosso artesanato e da dificuldade vivida pelos nossos mestres artesãos no Ceará. Refiro-me às rendeiras, aos ceramistas, aos escultores da madeira, aos xilografadores do Cariri.

O Mestre Espedito Seleiro é um caso à parte nesse universo, graças a Deus, graças a ele e a muita gente que reconheceu nele o valor do raro e do belo. Vi na loja parisiense uma bota ameríndia que por um momento pensei: podia ser do Espedito Seleiro! E, evidentemente, que se o proprietário daquela loja tivesse a sorte e o privilégio de bater à porta do Seleiro de Nova Olinda, ele se encantaria com a festa de cores e de artesanaria do nosso Mestre.

Um artista raro, grande observador e aventureiro como todo bom vaqueiro, Mestre Espedito descende de uma estirpe de “vaqueiros-artesãos” que, na lida com a rês, dominam tudo. Certa vez, em Limoeiro do Norte, ele nos fez um belo relato das histórias de vida de seu trisavô, bisavô, avô e pai. Todos seleiros, todos vaqueiros, todos guardiões da magia do mundo.

Espedito Seleiro é exemplar. Por isso, ele nos encanta”. ●

➔ **DODORA GUIMARÃES**
ESMERALDO, pesquisadora e curadora de Artes Visuais

● A designer Paula Dib, codiretora do filme, diz ser impressionante a sua fidelidade: “Ele bebe na mesma fonte com grande habilidade de conectar tradição e modernidade. É uma história viva. Teve de se abrir para o mundo, mas não se perdeu. Sabe muito bem onde está o lastro dele. E foi esse lastro que o fez ressurgir quando precisou se renovar”.

E como o próprio Espedito se define? “Essa pergunta é cruel”, diz, aos risos. “Me sinto uma pessoa conhecida, um homem trabalhador para viver, para manter meus compromissos. Só isso”. E lembra o que certa vez o cordelista Klévisson Viana lhe dissera: “você conseguiu mostrar o sertão que vivia escondido”.

Museu do couro

Sempre entusiasmado, apenas perde a graça quando se refere às imitações: “Nunca me incomodei de ensinar a ninguém. Só fico triste de ver um pessoal fazendo peças sem qualidade parecidas com as minhas. O povo pensa que é da gente. Por isso, resolvi marcar com meu nome”.

Nome que virou grife e, se depender da vontade de muitos, será igualmente de museu em



Nova Olinda, porém ele está reticente. Não deseja personificar o espaço que pretende inaugurar no próximo 29 de outubro, data em que completará 74 anos. Com recursos próprios, começa a montá-lo num prédio vizinho ao ateliê, onde também funcionará a oficina-escola.

No acervo, reunirá, além da família Seleiro, parte da trajetória do couro no Cariri. Uma manta feita pelo pai e duas máquinas de costuras dos avós estão entre as peças. “Quero que daqui a 100, 200 anos, essa história seja lembrada. Se alguém me ajudar, tudo bem, senão, faço o museu do mesmo jeito”. ●

Manufatura

(14) No ateliê, em Nova Olinda, Espedito faz, inicialmente, o modelo e molde. Depois, orienta a equipe, formada por dez pessoas, que desenvolve as diversas etapas de criação, como desenho, corte, colagem e costura. Ele também executa todo o processo. (15) Desde os 8 anos na lida com o couro, o mestre tem prazer de ensinar o ofício a quem se interessar. Por isso, junto ao Museu, previsto para outubro deste ano, abrirá a Oficina-Escola Espedito Seleiro